

RESENHA

LANGARO, Jiani Fernando. **Quando o futuro é inscrito no passado**: literatura historiográfica, periodismo e memórias públicas da fundação de Toledo (PR) 1953-2011. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2023. 328 p.

Rafael Dione Trombeta¹

O município de Toledo situa-se na macrorregião oeste do estado do Paraná. A historiografia e as narrativas memorialistas locais comumente relacionam seu surgimento aos processos de colonização empreendidos a partir de meados da década de 1940 pela empresa porto alegreense Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A., a Maripá, que loteou e vendeu as terras da região – preferencialmente para agricultores, descendentes de imigrantes alemães e italianos, de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A literatura sobre a história do município de Toledo é bastante vasta e é constituída por pesquisas realizadas no ambiente acadêmico, sobretudo nas Ciências Humanas, e por publicações elaboradas por jornalistas e memorialistas. A produção de narrativas sobre o passado de Toledo costuma se intensificar em momentos comemorativos, em especial quando se comemora o aniversário de emancipação política do município. Tais narrativas comemorativas reforçam os discursos que enaltecem os “colonos pioneiros” fundaram Toledo.

Diante disso, o livro *Quando o futuro é inscrito no passado: literatura historiográfica, periodismo e memórias públicas da fundação de Toledo (PR) 1953-2011*, do historiador Jiani Fernando Langaro, é uma publicação que nos convida à reflexão sobre os referidos discursos e seus propósitos e, assim, levanta

¹ Mestrando em História na UNIOESTE. Bolsista da Capes. E-mail: rafaeldt04@gmail.com

pertinentes questões sobre a história de Toledo e também do Oeste do Paraná. Langaro é nascido no oeste do Paraná, graduado em História pela Unioeste, Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia e Doutor também em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Atualmente é professor adjunto da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Produzido originalmente como tese de doutoramento em História defendida em 2012 na PUC-SP, e publicado na forma de livro em 2023, o estudo apresenta uma pertinente problematização de narrativas que estabelecem os marcos históricos de Toledo por meio de diversas publicações, bem como o seu papel na cristalização destes na memória pública local. Langaro identifica o aumento dessas narrativas a partir da década de 1970. Este período é marcado pela mecanização agrícola, o êxodo rural, e a formação de um novo contingente de migrantes, formado por trabalhadores industriais vindos de outras regiões do Paraná. Além disso, é um período caracterizado por uma nova configuração dos setores médios e de detentores de grandes capitais, que não mais estão relacionados com o processo de colonização conduzido pela Maripá.

Considerando esta dinâmica social, Langaro analisa livros e jornais locais, que, com o fomento de recursos públicos, tiveram circulação local e regional. Para tanto, os caracteriza como “literatura historiográfica”, não atribuindo rigor acadêmico às obras, embora os integrando ao processo de cristalização das memórias públicas.

O livro possui quatro capítulos. No primeiro, Langaro analisa a obra *Toledo e Sua História*, publicada em 1988 como um produto do *Projeto História* (1983-1988). Este projeto, por sua vez, iniciou-se em 1983 na gestão de Albino Corazza Neto (PDT), denominada “Toledo: Comunidade no Poder”. O período é marcado pela abertura democrática do país e reimplantação do sistema pluripartidário, o que influenciou as ações dessa gestão ao trazer projetos pautados numa suposta participação popular nas políticas públicas.

O *Projeto História* atuou na produção de fascículos, cartilhas e livros de teor histórico, atendendo às demandas de professores da rede municipal de ensino e de outros membros da população geral. Inicialmente, sua equipe foi formada por Ondy Hélio Niederauer, ex-contador da Maripá e memorialista do município, Wilson Carlos Kuhn, advogado, prefeito e vice-prefeito do município entre 1969 a 1976, e Oscar Silva, auditor federal e literato regionalista. Posteriormente, com o aumento da demanda para produção do livro, ingressaram na equipe Clori Fernandes Maciel, na época acadêmica do curso de Ciências Econômicas pela FACITOL², e Rubens Bragagnollo, formado em Filosofia também pela FACITOL, professor e ex-vereador do município. Portanto, toda a equipe constituiu-se por “pessoas do próprio município, com a participação de letrados, historiadores autodidatas, acadêmicos e egressos da faculdade local”³.

Para o autor, o livro *Toledo e sua História*, na busca por retomar uma suposta “comunidade perdida”, acaba por apagar outras experiências e memórias, tratando a história como um movimento linear, estabelecendo como marco inicial para “a” história do município o período de colonização empreendido pela Maripá. Também se constitui um mito fundador formado nas figuras de Alfredo Paschoal Ruaro, Willy Barth e Padre Antônio Patuí, dando papel secundário aos trabalhadores braçais, e apresentando os conflitos sociais como obstáculos já vencidos.

Deste modo, Langaro observa que os blocos de poder atuantes se utilizam das memórias públicas para promover uma espécie de pacto de conciliação de classes, em que motivações pessoais e individualizadas devem ser apaziguadas com o objetivo de se projetar um futuro harmonioso. Assim, os “tempos pioneiros” são constituídos por meio de narrativas heroicas; o trabalho dos pioneiros é utilizado como exemplo para se projetar um futuro para o município. Entretanto, Langaro aponta que, numa espécie de efeito rebote, ao estabelecer um “mito fundador” iniciando a história a partir da atuação da Maripá, *Toledo e Sua História* estimulou as disputas pelas memórias públicas.

² Antiga Faculdade de Ciências Humanas Arnaldo Busatto, atual UNIOESTE, campus de Toledo.

³ LANGARO, 2023, pp. 53.

No segundo capítulo, Langaro observa o processo de consolidação de um mito fundador e da idealização de uma sociedade comunitária. Para tanto, utiliza o livro *Toledo no Paraná* (1992 e 2004), de Ondy Hélio Niederauer, analisando as narrativas de “colonização” e “pioneirismo” presentes na obra, e os documentos utilizados por ela. Niederauer em sua obra, usa documentos como o *Plano de Colonização* (1955), também escrito por ele, e matérias do jornal *O Oeste* (1953-1955), para comprovar sua hipótese de que o empreendimento gerido pela Maripá foi essencial para trazer o “progresso” e “desenvolvimento” na região, tornando-se exemplo de “reforma agrária” a ser seguido. Para Langaro, estes documentos também representam o início de um norte narrativo para as produções sobre a história do município. Estes, em grande maioria, atribuíram aos seus agentes uma tônica de abnegação, sacrifício e persistência, mergulhados de certo imaginário cristão, para fundamentar os ideais de “progresso” e “desenvolvimento” propostos por eles.

Para Langaro, tais narrativas foram modificadas no decorrer dos anos, tomando novas formas e objetivos. Ao constituir-se um mito fundador, na figura de Willy Barth, dá-se destaque aos “mentores intelectuais do empreendimento”⁴ colonizatório, silenciando outros indivíduos que também fizeram parte do processo de colonização da área onde hoje está Toledo. Mesmo com a formação de novas elites e setores médios locais, a partir da década de 1960, estes discursos permaneceram, o que “representa o sucesso desses sujeitos em manter suas memórias e, com isso, sua visibilidade e seu poder em Toledo”⁵.

Para Langaro, os conflitos agrários e sociais, e até mesmo confusões e desafetos recorrentes no cotidiano do município foram silenciados da memória pública, fadados ao esquecimento junto com os indígenas, trabalhadores braçais, etc. Estas memórias foram solidificadas pela obra de Ondy Niederauer, consolidando um mito fundador que estabelecia falar do período da colonização como o ponto inicial da história do município.

⁴ Ibid., p. 162.

⁵ Ibid., p. 163.

No terceiro capítulo, Langaro reflete como nem todos os indivíduos adotaram estes discursos como verdades absolutas. Para iniciar a discussão, apresenta a obra *O Alvorecer de Toledo* (2007), escrita pelo sociólogo Marcelo Grondin, na qual busca inverter a ótica das narrativas apresentadas por *Toledo e Sua História* e *Toledo no Paraná*, as quais apresentavam a segunda gestão da Maripá, coordenada por Willy Barth, como essencial para o desenvolvimento do município.

Para Langaro, Grondin insere-se no espaço na disputa das memórias que até então apresentavam-se como cristalizadas nas esferas de poder de Toledo. Se, por um lado, polemiza e abala as estruturas da formação de um mito fundador baseado na dupla de irmãos Alfredo e Zulmiro Ruaro, por outro corrobora para a cristalização da colonização como ponto de partida para se contar a história do município. Assim, adotando perspectivas semelhantes a *Toledo e sua História* e *Toledo no Paraná*, o livro *O Alvorecer de Toledo* aborda os acontecimentos e datas de modo linear, atribuindo como marco inicial para se estudar a história do município as ações da Maripá e naqueles que alcançaram os blocos de poder, tentando dessa maneira, hegemonizar as narrativas históricas locais e cristalizar um mito fundador.

Langaro continua suas reflexões analisando outras duas obras: *Tempos de Heróis* (2009), escrita por Olivo Beal; e *Com licença, somos distritos de Toledo: projeto repensando os distritos de Toledo* (1988), organizada por membros da administração da gestão “Toledo: Comunidade no Poder”, entre eles Iraci Silva Menezes Yoshida, na época assistente-técnica da Secretaria Municipal de Educação. Conforme Langaro, as obras, mesmo que em contextos de produção diferentes, trazem discursos que contradizem as memórias cristalizadas pela esfera pública municipal. Não somente isso, pois também trazem a luz como os “pioneiros” que não se encaixam na predisposição das memórias hegemônicas, como os não proprietários de terra e os que não ascenderam socialmente, se veem dentro dessas narrativas, e como buscam inserir-se nelas, ou seja, não as questionando e sim as readaptando ou se adaptando a elas.

Deste modo, Langaro reflete que os livros analisados não buscam rasgar o véu hegemônico das narrativas locais, e sim, introduzir novos relatos que fogem da normalidade estabelecida pela história oficial, o que está diretamente relacionado com a necessidade de sentir-se estar no direito de exercer o poder que o título de “pioneiro” lhes concede.

No último capítulo são analisadas algumas matérias dos jornais locais *A Gazeta* (1994-2008), *A Voz do Oeste* (1967-1977), *Jornal do Oeste* (1984-atualmente) e *A tribuna do Oeste* (1974-1982), que tiveram circulação municipal e/ou regional, selecionando datas que representavam algum período de comemoração alusivos à emancipação ou a temáticas da “colonização”. O autor destaca a necessidade destes veículos de se firmarem como isentos ou independentes. Entretanto, na maioria das vezes, seus corpos editoriais contaram com membros que se inseriram, de alguma maneira, dentro dos blocos de poder locais.

De todos os materiais que foram utilizados, o que mais se destacou foi a edição comemorativa em alusão ao jubileu de prata de emancipação do município, feita pela *Tribuna do Oeste* no ano de 1977. Nesta edição, a coluna de Pitágoras da Silva Barros⁶ retratou muito bem como as memórias públicas já se encontravam em constante disputas, tecendo duras críticas a elas. Nela, Barros denuncia as violências, injustiças sociais, golpes e diversos outros crimes que foram praticados durante o período da colonização e que mesmo após tantos anos, continuavam impunes. Evitando dar nome aos bois, possivelmente para evitar conflitos com aqueles que ainda estavam vivos, Barros propõe que a data comemorativa deveria ser utilizada para reflexão crítica sobre o processo de colonização.

Como observado por Langaro, o colunista quebra as narrativas cristalizadas do pioneirismo, tirando-as do pedestal imaculado do “heroísmo” e das representações quase cristianizadas, trazendo à luz outras versões deste passado. Na leitura deste capítulo, percebemos que a imprensa vai além da reprodução das

⁶ Filho de Oscar Silva, professor, periodista e vereador do município pelo PMDB entre 1983 e 1988.

efemeridades e do que é defendido pelos poderes públicos, tornando-se também agente ativa das cristalizações e produções acerca das memórias de determinado passado, muitas vezes tornando-se interlocutora destes processos.

Longe de querer zerar os debates sobre os usos da memória, o livro *Quando o futuro é inscrito no passado* amarra pontos que a historiografia local até então não o fez. Com uma leitura dinâmica e envolvente, Langaro observa as fontes estudadas sem estabelecer juízos de valor a elas, reconhecendo tanto seus esforços, como também lançando um olhar crítico sobre suas contribuições para a cristalização de determinados enredos atribuídos à história do município.

Deste modo, a obra consolida-se como leitura indispensável para acadêmicos e demais pesquisadores que buscam se aventurar nos debates e atribuições da historiografia sobre Toledo, na medida em que problematiza e desconstrói diversas narrativas que constituem determinadas visões sobre o passado e o presente desse município.

Referências bibliográficas

LANGARO, Jiani Fernando. **Quando o futuro é inscrito no passado**: literatura historiográfica, periodismo e memórias públicas da fundação de Toledo (PR) 1953-2011. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2023. 328 p.

Recebido em 12 de julho de 2023
Aprovado em 10 de agosto de 2023